



# A Mensagem Fotográfica do Jornalismo de Viagens: metodologia qualitativa para avaliação de Alternativas Textuais<sup>1</sup>

The photographic Message  
of Travel Journalism:  
qualitative methodology for  
Alternative Texts evaluation

**Suely Maciel**

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e mestre em Semiótica e Linguística Geral pela mesma instituição. Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Docente dos cursos de Jornalismo e Relações Públicas e da Pós-graduação em Mídia e Tecnologia, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), campus de Bauru. Líder do Grupo de Pesquisa "Linguagem e Mídia Acessível" (GELIMA) e Coordenadora do projeto de extensão Biblioteca Falada. E-mail: [suely.maciел@unesp.br](mailto:suely.maciел@unesp.br)

---

<sup>1</sup> Uma versão anterior deste trabalho foi apresentada no VII Encontro Nacional de Estudos da Imagem e IV Encontro Internacional de Estudos da Imagem, em 2019.



### **Matheus Ferreira**

Jornalista e Mestre em Comunicação pela Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), campus de Bauru. Membro do Grupo de Pesquisa "Linguagem e Mídia Acessível" (GELIMA). Foi bolsista da FAPESP. E-mail: [matheus.ferreira@unesp.br](mailto:matheus.ferreira@unesp.br)

### **Guilherme Ferreira de Oliveira**

Graduando do curso de Relações Públicas da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), campus de Bauru. Membro do Grupo de Pesquisa "Linguagem e Mídia Acessível" (GELIMA). E-mail: [guilherme.f.oliveira@unesp.br](mailto:guilherme.f.oliveira@unesp.br)



## Resumo

A produção e disponibilização de recursos de acessibilidade, como textos alternativos (Alt), são aspectos necessários para tornar o jornalismo mais acessível. O objetivo deste artigo é comparar a composição de fotografias jornalísticas de viagem com seus respectivos Alt para verificar se a função e/ou conteúdo fotográficos podem ser transmitidos às pessoas com deficiência visual. Para isso, fez-se uma pesquisa exploratória em cadernos de viagem de sites de jornais brasileiros, na qual apenas o conteúdo da Folha de S. Paulo apresentou o recurso em todas as fotos. Fez-se um levantamento das características de composição de três fotos e, com base no Paradoxo Fotográfico de Barthes, comparou-se a mensagem imagética com o Alt. Observa-se que os Alt usados não substituem adequadamente as fotos, comprometendo a compreensão total por parte das pessoas com deficiência visual.

**Palavras-chave:** jornalismo de viagens; acessibilidade; texto alternativo; deficiência visual.

## Abstract

The production and availability of accessibility resources, such as alternative texts (Alt), are necessary aspects to make journalism more accessible. This article compares the composition of travel news photographs with their respective Alt to verify whether the photographic function or content is accessible to visually impaired people. Exploratory research was carried out in travel sections of Brazilian news websites, in which only the Folha de S. Paulo presented the resource. Hence, the composition characteristics of three photographs have been assessed and based on the Barthes Photographic Paradox, there was an examination between the photos message and their Alt. As a result, the Alt used does not adequately replace the images. Such inadequacy

compromises the understanding on the part of visually impaired people.

**Keywords:** Travel Journalism; accessibility; alternative text; visual impairment.



## 1 Introdução

À primeira vista, refletir sobre a possibilidade de fotografias digitais do jornalismo de viagens serem acessadas por pessoas com deficiência visual pode parecer um tema sem sentido. Por que gastar tempo problematizando o acesso a imagens por pessoas que não enxergam? Desvelar o que há por trás de tal indagação, refutá-la e demonstrar a importância da temática é o mote deste artigo. A pergunta acima espelha, usando das palavras de Sousa (2018, p. 569), “[...] fantasmas de uma visão de mundo patológica e desvantajosa da deficiência [...]”, que persistem nas estruturas sociais, e conseqüentemente, nos meios de comunicação analógicos e digitais.

A base para questionamentos como o exemplificado acima está na pressuposição de que pessoas com deficiência visual, notadamente as com deficiência severa ou cegueira, não utilizam fotografias no ciberespaço, ou talvez nem usem a internet, o que se provou serem apenas conjecturas (BONITO, 2015; SOARES, 2014). Pessoas com deficiência visual podem acessar fotografias online desde que informações deste artefato cultural estejam disponíveis em diferentes formatos além do visual, como os textos alternativos (Alt, sigla do inglês para *Alternative Text*) inseridos nas páginas de programação de sites, conforme estabelecem as Diretrizes de Acessibilidade para Conteúdo Web (WCAG, da sigla em inglês).

A produção e disponibilização de recursos de acessibilidade, como o Alt, são aspectos necessários para tornar a web um lugar mais acessível, processo ainda lento nas estruturas do jornalismo digital, que engloba os segmentos de viagens e turismo (FERREIRA, FERREIRA, 2018). Responsável pela apresentação de possíveis destinos e de diferentes culturas aos leitores (HANUSCH, 2010), tais cadernos digitais dispõem das características da web na veiculação de seu conteúdo, como a estrutura hiper e multimídia, na qual se inserem as fotografias.

Portanto, decidiu-se comparar a composição de fotografias jornalísticas de viagem com seus respectivos textos alternativos (Alt) para verificar se a função e/ou conteúdo fotográficos podem ser



transmitidos às pessoas com deficiência visual. O caminho teórico-metodológico para analisar o fenômeno parte do tensionamento dos Alt com o Paradoxo Fotográfico de Roland Barthes (1977). Para fins deste artigo, os textos alternativos vão se referir aos aspectos formais conotativos da fotografia (BARTHES, 1977), ou seja, sua composição. Assim, apresenta-se uma análise comparativa entre composição de fotos do jornalismo de viagens e seus textos alternativos, de maneira a verificar se e como a pessoa com deficiência visual severa e/ou cega pode acessar o conteúdo imagético. O estudo propõe uma modalidade de análise qualitativa de alternativas textuais que podem auxiliar na avaliação e aprimoramento.

## 2 Acessibilidade na Web para pessoas com deficiência visual

Em 2013 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística realizou a Pesquisa Nacional de Saúde (IBGE, 2015), a qual informa que 6,2% do total da população brasileira declara ter alguma deficiência. Dessas, 6,5 milhões têm deficiência visual severa (baixa visão e visão subnormal). Diariamente, essa população se depara com barreiras de exercício pleno da vida em sociedade.

A forma em que a deficiência é conceituada traz implicações na relação dessas pessoas com a vida em sociedade. A visão patológica das deficiências (SOUSA, 2018) não possibilita um olhar mais ampliado da situação. Deve-se, portanto, considerá-la como, também, uma construção social (ELLIS; KENT, 2011).

As barreiras enfrentadas no cotidiano das pessoas com deficiência são, em grande parte, imposições da forma em que a sociedade se organiza. Para as pessoas com deficiência visual, por exemplo, o acesso ao conteúdo se torna possível quando ele é também disponibilizado em outros formatos além de recursos somente visuais. Portanto, Ellis e Kent (2011) afirmam que a sociedade, coletivamente, deve encontrar soluções para a inclusão dessas pessoas.

Em janeiro de 2021, a internet já contava com 4,66 bilhões de usuários (STATISTA, 2021) e esses números só crescem. Entretanto, para pessoas com deficiência, a situação não é a mesma. Segundo o relatório da Organização das Nações Unidas, “*Disability and Development*” (ONU, 2018) pessoas com deficiência apresentam níveis mais baixos de uso da Internet quando comparadas com pessoas sem deficiência. O relatório aponta que a falta de acessibilidade na programação e nos conteúdos são fatores determinantes para o baixo número de usuários, além dos aspectos de desigualdade digital relacionados ao custo de conexão à Internet, à posse de dispositivos e ao baixo nível de competência digital.

Como afirmado por Magalhães e Maciel (2020, p. 5) “[...] não é de se surpreender que a comunicação virtual não tenha sido projetada pensando na inclusão de pessoas com deficiência”. Este público também deveria ter o acesso pleno da web, e, para que isso ocorra, é necessário o desenvolvimento e aplicação de Tecnologias Assistivas (TA). Segundo a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), Tecnologias Assistivas são:

*[...] produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social.* (BRASIL, 2015, lei nº13.146, artigo 3º)

O uso da web com TA também está associado à Acessibilidade 2.0, caracterizada pela possibilidade dos internautas escolherem o formato de consumo da informação que mais os contemple (ELLIS; KENT, 2011). Atualmente, existe uma grande diversidade de Tecnologias Assistivas na internet, de forma que, em conjunto ou isoladamente, elas garantem que pessoas com deficiência ocupem esses espaços.

Garantir a acessibilidade na web significa também que os usuários com deficiência devem ter experiências próximas das que pessoas sem deficiência têm. Assim, Jambeiro (2013) aponta que os portais devem ser agradáveis, de fácil uso e:

*[...] tecnologicamente, os portais devem garantir sua acessibilidade aos usuários, respeitados seus distintos níveis de conhecimento, sendo necessário que as mais diversas configurações de equipamentos interligados à Internet possam executar as interfaces construídas (JAMBEIRO, 2013, p. 202).*

Para as pessoas com deficiência visual, os leitores de tela (*screen readers*) são essenciais para a navegação. Esses *softwares* leem as programações dos websites e transformam em conteúdo sonoro. Entretanto, mesmo que já existam Inteligências Artificiais (AI, sigla em inglês para *artificial intelligence*), capazes de reconhecer rostos e cenários, muitas imagens e vídeos ainda exigem que os internautas insiram as descrições por meio de Texto Alternativo.

O Alt é um recurso que permite às pessoas com deficiência visual acessarem conteúdos imagéticos, podendo ser textos longos ou curtos, desde que reflitam a função equivalente do conteúdo não textual (WEB, 2014). Há ocasiões, porém, em que a função da imagem é complexa, quando, por exemplo, quer-se produzir experiências sensoriais específicas. Não seria possível transmitir tais informações por meio de um texto alternativo curto, portanto, as diretrizes WCAG recomendam que uma descrição esteja presente nestes casos.

Segundo Barthes (1977), a mensagem fotográfica possuiria duas dimensões: uma denotativa, significante do real literal, inexprimível por palavras, e uma conotativa, expressa em códigos culturais como gestos, atitudes, expressões e cores.

Um raciocínio desenvolvido por Prado (2010), em uma análise sobre convocação de leitores ao consumo por meio da imagem, fornece um caminho para a defesa da acessibilidade em fotos. Para o autor, ninguém consome produções jornalísticas para simplesmente se informar, mas para “[...] se enquadrar [...], para se localizar, para ter narrativas de enquadramento no mundo [...]” (PRADO, 2010, p. 65). A partir daí, passa-se a pertencer melhor a um dado lugar. Por isso, o acesso aos textos alternativos que cumpram sua função oferece à pessoa com deficiência visual a possibilidade de se situar no mundo em igualdade com as pessoas sem deficiência.



Em relação ao jornalismo de viagens, as inadequações dos textos alternativos das fotografias têm implicações na autonomia das pessoas com deficiência visual no processo de escolha e conhecimento de destinos. Mello e Silveira (2013, p. 284) afirmam que “[...] a função de um website de destino é disseminar as informações de serviços e produtos de uma determinada localidade turística tendo em vista o seu desenvolvimento e a boa experiência do turista”.

As autoras também afirmam que levantar dados prévios de um destino é chave para o exercício de ir e vir das pessoas com deficiência visual. Porém, a falta de acessibilidade em serviços e produtos do setor de viagens cria uma sensação de que o turismo por pessoas com deficiência não seria lucrativo para as empresas, ou então, que essas pessoas seriam incapazes de usufruir das práticas de turismo (MELLO; SILVEIRA, 2013).

### 3 Materiais e Métodos

Para decidir qual seria o material de análise, foi feita uma pesquisa exploratória nos mais conhecidos sites jornalísticos brasileiros (Terra, Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo, IG, R7, Globo, UOL, Yahoo) para detectar a presença ou não de alternativas textuais em fotografias de reportagens de seus cadernos digitais de turismo e viagens. Optou-se por explorar esses veículos por estarem citados no inquérito civil nº 1.34.001.004599/2014-11, que investigou as causas da falta de acessibilidade em sites de notícias do Brasil (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2014).

A exploração se deu por meio de navegação nas seções de turismo dos sites e, a partir da utilização da função “inspecionar elemento”, presente nos browsers, conseguiu-se ver parte da disposição de códigos da programação dos sítios online, verificando se as fotos continham Alt. Apenas as seções da Folha de S. Paulo e do Terra apresentaram o recurso, embora este último não o apresentasse em todas as fotografias. Além disso, o portal Terra tem o costume de republicar reportagens de outros veículos, de tamanhos curtos, o que levou os pesquisadores a centrar a análise no caderno Turismo da Folha de S. Paulo, uma vez que este, entre as publicações elencadas

inicialmente para o estudo, foi o único que manteve a regularidade na apresentação de alternativa textual para as imagens.

Ao explorar o caderno, buscaram-se reportagens que dispusessem de fotografias de viagens com o intuito de experiência sensorial e não apenas com fins “decorativos”. Como explica Belenguer Jané (2002, p.173), as fotografias de viagens podem exercer três funções: a primeira, documental, transmite informações por si mesma, por meio de detalhes e comprovação do que se diz no texto; a segunda tem um papel ilustrativo, transmitindo as mesmas informações contidas no texto, como se fossem um cartão postal; já a terceira função, inspirada na etnografia, é relativa a costumes humanos, buscando mostrar as atividades dos sujeitos e seus coletivos, como festas e hábitos. As funções não são, porém, exclusivas de uma só fotografia, “[...] muitas fotografias podem compartilhar funções [...]. Sua definição (classificação) não depende de seu valor intrínseco, porém de sua relação com o texto.” (BELENGUER JANÉ, 2002, p. 173).

Seguindo a lógica do autor, escolheu-se a subseção “Álbum de Viagens” do site do jornal, onde são publicadas reportagens por fotógrafos. Nelas, encontram-se álbuns que retratam os diferentes destinos visitados. Escolheu-se aleatoriamente uma das produções da subseção intitulada “Montanhista escolhe pontos altos do Nepal”, publicada no dia 22 de agosto de 2018 (MONTANHISTA, 2018). Das 10 fotografias presentes na reportagem, três foram selecionadas para análise, por apresentarem diferenças composicionais entre si.

A análise da composição das imagens toma por base os parâmetros apresentados por Mascelli (2010). Por sua vez, a avaliação da adequação e qualidade do Alt, disponível nos textos analisados como recurso de acessibilidade para pessoas com deficiência visual, segue as determinações do WCAG. Abaixo, seguem as fotografias escolhidas, com suas respectivas alternativas textuais:

Fotografia 1 - Montanhas e bandeiras do Nepal



Fonte: Fotografia de Edson Vandeira, em “Caderno de Viagens” da Folha de São Paulo (2018)

Na Alternativa Textual da fotografia 1, lê-se “*Bandeiras budistas de oração no acampamento-base de Annapurna, no Nepal; o guia de montanha e fotógrafo Edson Vandeira, 29, visitou o país pela primeira vez entre abril e maio desse ano*”.

Fotografia 2 - Vilarejo e Montanha



Fonte: Fotografia de Edson Vandeira, em “Caderno de Viagens” da Folha de São Paulo (2018)

Na Alternativa Textual da fotografia 2, lê-se: “*Amanhecer no vilarejo de Tengboche, onde está localizado o maior monastério budista do vale do Khumbu, a caminho do acampamento-base do Everest.*”

Fotografia 3 - Vista da janela.



Fonte: Fotografia de Edson Vandeira, em “Caderno de Viagens” da Folha de São Paulo (2018)

Na Alternativa Textual da fotografia 3, lê-se “*vista da janela de lodge no acampamento-base do Annapurna, a cerca de 4.100 metros de altitude; vilarejos nas montanhas têm opções variadas de pousadas e restaurantes para os montanhistas.*”

Outra forma de tornar o conteúdo das fotografias acessível seria por meio de descrições durante o texto. Porém, após leitura da matéria, foi observado que tal escolha não foi feita, estando a alternativa textual apenas no código da imagem.

Uma vez escolhidas as fotografias, iniciou-se o processo de análise. As imagens foram caracterizadas a partir dos itens propostos por Joseph Mascelli (2010, p.229): 1) linhas, que são contornos reais ou imaginários e podem ser retas, curvas, diagonais, horizontais ou uma combinação das anteriores; 2) formas, entendidas como o formato dos objetos da cena, que existem em profundidade; 3) massa, que é o peso visual de um objeto; 4) movimento, que na fotografia estática aparece como sugestão de movimentos completos; 5) equilíbrio, relativo à harmonia da imagem e à

disposição dos elementos no quadro e, por último, 6) centro de interesse, aquilo que chama a atenção do olho, como iluminação, valores tonais e cores.

Após levantar essas características, fez-se a comparação com o conteúdo dos textos alternativos (expostos acima) para saber se alguns daqueles elementos estavam ou não descritos e/ou representados. Vale ressaltar que não se fará nenhuma análise dos sentidos produzidos pelas fotografias.

#### 4 Resultados e Discussões

Na fotografia 1, estão presentes linhas horizontais, diagonais e curvas, desenhadas pela corda das bandeiras. Há também duas linhas verticais paralelas, elaboradas pela posição das pessoas no centro esquerdo da imagem. A linha central forma com a linha superior uma moldura parcial que enquadra as pessoas, parte do céu e as montanhas. Em relação às formas, pode-se observar que as bandeiras superiores e inferiores convergem e formam um triângulo, mais grosso na parte de baixo. Não deixam de ser vistosas a forma do pequeno aclave arredondado, onde as duas pessoas estão em pé, e a forma irregular das montanhas ao fundo. O peso da imagem está em equilíbrio, havendo um objeto pesado à sua esquerda, o pico da montanha, e outro objeto pesado do lado direito, as bandeiras, que ocupam quase metade da parte inferior do quadro. Além disso, as duas figuras humanas mais ao centro esquerdo completam o equilíbrio. Os movimentos congelados pela fotografia estão nas bandeiras tremulantes e na pessoa com as mãos em direção ao rosto, observando a paisagem à sua frente. A atenção se prende entre o contraste das cores fortes das bandeiras, como amarelo, azul, verde, que têm detalhes desenhados, com o marrom do aclave redondo, o branco das montanhas de gelo com os picos iluminados do céu e o azul claro do céu. O olhar passa, então, da parte inferior das bandeiras para o centro de sua moldura, parando nas duas pessoas.

Pelo texto alternativo da fotografia 1, dos elementos expressos na composição fotográfica, estão presentes apenas as bandeiras, apesar de não haver nenhuma referência às suas cores ou ao seu posicionamento. Há menção também às duas pessoas, identificadas como o guia e o fotógrafo. O Alt traz informações que são exógenas à mensagem imagética, como a idade de um deles, a profissão das pessoas na foto, data da viagem, o lugar em que estão e a função religiosa das bandeiras, conteúdo que está já no corpo do texto e na legenda da foto.

Esse tipo de abordagem pode ser interpretada como uma maneira inadequada de se descrever imagens, uma vez que traz informações que as pessoas com deficiência visual poderiam acessar pelo texto, não sendo parte do conteúdo imagético. Pode-se concluir que este Alt não consegue oferecer um conteúdo textual equivalente à experiência da foto.

Na fotografia 2, percebe-se uma grande linha diagonal feita por uma montanha, que se estende da parte esquerda da imagem para a central. Outras linhas diagonais aparecem nas estradas do vilarejo e no conjunto formado pelos telhados. Olhadas separadamente, identificam-se linhas horizontais no topo dos prédios. A forma triangular é mais recorrente: reconhecida na montanha central, no conjunto das construções do vilarejo e nas montanhas em segundo plano. Um maior peso visual se atribui à montanha central, que ocupa boa parte da lateral direita do cenário. Essa massa grande está equilibrada com os outros elementos, como a ausência de objetos à frente do vilarejo, criada por um enquadramento de plano geral. A porção do céu que aparece no lado esquerdo do quadro também equilibra a foto. Por meio do efeito de miniaturização do vilarejo, devido ao enquadramento, é possível ter consciência do tamanho da montanha principal. Outra massa visual é o conjunto de árvores no canto inferior direito, além de árvores solitárias, espalhadas entre os prédios.

Há pouco movimento na fotografia 2, representado pela neblina, no canto esquerdo do quadro. Os olhos do observador se movem das linhas marrons dos caminhos do vilarejo para a montanha, que forma um grande triângulo. O pico iluminado pelo sol se destaca pela falta de luz e pela cor do resto

dos objetos, que variam do verde escuro das árvores e do marrom da terra, até o branco da neve. O céu se equilibra também com a luz do sol.

O conteúdo do Alt da fotografia 2, quando comparado com a composição imagética, apresenta detalhes do vilarejo, especificando que haveria um monastério entre as construções; cita-se também o monte, que se sabe ser o Everest e o amanhecer, conotado pela luz no topo da montanha, quase toda ainda sombreada. Nada se fala sobre o posicionamento dos objetos no quadro, que forneceria uma noção do tamanho dos elementos, nem das cores ou contrastes da paisagem. O texto alternativo aqui, como na fotografia 1, é uma reprodução do que está escrito na legenda, oferecendo poucas informações sobre a imagem.

Na fotografia 3, percebe-se uma grossa linha vertical dividindo a cena e outras duas linhas verticais nos extremos. Outra linha grossa, porém, horizontal, aparece na parte superior. A montagem das linhas forma uma moldura. Mais linhas compõem a fotografia, como linhas paralelas diagonais do prédio de telhas vermelhas e do prédio mais ao fundo, de telhas azuladas. Mais linhas verticais são vistas nos alicerces da construção, à esquerda, e nas janelas da pequena casa, à direita. Não dá para não notar os dois retângulos formados pela moldura que divide o quadro, além do retângulo formado pelas linhas do prédio com telhas vermelhas. Um triângulo também é visto no telhado da casa da direita. O peso visual das duas montanhas ao fundo da imagem é equilibrado, pois estão divididas pela linha grossa vertical. Da mesma forma, a construção da esquerda está em simetria com a da direita, somada às grandes pedras no canto inferior direito. Os movimentos da cena estão representados em uma nuvem, que se confunde com os picos brancos das montanhas. As cores estão bem divididas: a parte esquerda concentra o vermelho, com pequenos objetos em azul; a parte direita concentra o azul, com pequenas peças de roupas vermelhas. Ambas as tonalidades se destacam pelo chão marrom e cinza de base da montanha, além da grande parte de branco das mesmas e do azul do céu. O olhar do

observador se divide e se direciona aos telhados das construções e ao branco das montanhas, as quais bloqueiam o horizonte.

A alternativa textual da fotografia 3 diz: “Vista da janela de lodge no acampamento-base do Annapurna, a cerca de 4.100 metros de altitude; vilarejos nas montanhas têm opções variadas de pousadas e restaurantes para os montanhistas”. Os elementos que estão presentes tanto na composição quanto no texto escrito são a janela que, pelo enquadramento, forma uma “moldura” da vista, o vilarejo (pousadas, que podem ser as construções) e a montanha. O emprego da palavra “*lodge*”, designando o estabelecimento de hospedagem de onde se avista a paisagem, pode induzir a erro, pois a palavra pode vir a ser confundida com “longe”, atuando, portanto, na apreensão da dimensão espacial do que a imagem mostra.

Por fim, assim como nas outras duas fotografias, aqui também o texto alternativo é uma cópia da legenda da foto, oferecendo não informações da imagem propriamente dita, mas informações de contexto, que aparecem ao longo do conteúdo escrito. A simetria da foto, as cores e a linha vertical grossa são deixadas de lado pelo Alt, que não é capaz de transmitir por palavras parte da experiência conotativa da fotografia.

A partir das análises expostas acima, infere-se que, na reportagem da Folha de S. Paulo, os textos alternativos não conseguiram transmitir integral e o mais completamente possível a mensagem das fotografias; não é apresentada, à pessoa com deficiência visual, a possibilidade de consumir, em todas as suas nuances, o conteúdo não textual.

Ao discutir o acesso a imagens por parte dessas pessoas, é preciso deixar claro que imagens não são apenas produções visuais. A fotografia é capaz de capturar acontecimentos contemporâneos no mundo, permitindo uma co-presença a seu observador, ou seja, uma participação dos acontecimentos pela imagem (BARTHES, 1984). Ora, se a foto permite, ao indivíduo que a olha, tornar-se partícipe de fatos e movimentos da sociedade, aqueles que enfrentam barreiras para acessar sua

mensagem não teriam a possibilidade dessa coparticipação em acontecimentos, estando, portanto, excluídos do processo de apreensão dos sentidos e de acesso pleno à informação e à comunicação.

As fotos do jornalismo de viagens apareciam em meios impressos como guias, revistas, livros e jornais. Quando imagens são publicadas em papel, há pouco espaço para que, autonomamente, a pessoa com deficiência visual, especialmente a cega, possa entendê-la. Segundo Sousa (2014), o jornalismo impresso nunca conseguiu ser acessado por pessoas com deficiência visual severa, pois a leitura de textos se dá ou por meio do *braille* (cujo processo de produção é caro, com impressões volumosas que tornam inviável um jornal ser impresso neste sistema), ou por áudio, formato que não está disponível nas folhas de papel. Esperava-se que, com o surgimento da internet e suas características, como imediatismo, personalização, multimídia, interatividade, narratividade, hipertextualidade, memória e virtualidade (TEJEDOR; LARRONDO, 2008), o acesso informacional da pessoa com deficiência seria ampliado, inclusive às fotografias. Isso, porém, não foi o que aconteceu. As características que poderiam ser usadas para acessibilidade (como o áudio produzido por leitores de tela) ficam ociosas devido à inadequação de práticas, como os Alt aqui analisados, mas não somente eles, pois falhas em códigos na programação, ausência de equivalente textual para produções imagéticas ou audiodescrição para conteúdos audiovisuais são ocorrências extremamente comuns no ciberjornalismo.

No caso dos textos alternativos, esse mau uso é reflexo de um problema maior. Segundo Ellcessor (2016), a maioria das mídias são desenhadas, reguladas e construídas tendo em mente um receptor em uma posição normativa, e não se leva em conta as diferentes formas de compreender o mundo. Bonito (2015) afirma que é possível descrever tal panorama como preconceito comunicativo, no qual há segregação de pessoas em padrões sociais hegemônicos, feita pela “[...] lógica dos processos comunicativos que desconsideram as pessoas com deficiência como potenciais consumidores” (BONITO, 2015, p.55). Além disso, esse “preconceito comunicativo” também vai de



encontro às dimensões da acessibilidade (SASSAKI, 2009), exibindo a negligência com a inclusão dessas pessoas.

Precisa-se frisar que o uso adequado de AT é uma questão de cidadania, já que a inclusão digital, cuja materialização passa por metodologia como essa, é condição da inclusão social (JAMBEIRO, 2017). Afinal, universalizar “[...] o acesso e uso dos serviços digitais de comunicação e informação pode permitir aos cidadãos a participação plena na vida social, cívica, política, econômica e cultural, em todas as suas dimensões[...]” (JAMBEIRO, 2017, p. 17). Desta forma, uma sociedade igualitária, na Era da Informação, passa pela inclusão digital.

A inclusão social, por sua vez, trata de um processo de transformação da sociedade (SASSAKI, 1999), envolvendo também o capital, representado pelas empresas jornalísticas e pelo Estado. Para o espanhol Parra Valcarce (2010), as empresas detêm parte da responsabilidade na efetivação da acessibilidade na internet, devendo desenvolver políticas internas para isso. O governo também precisa atuar, com legislação e fiscalização, e a sociedade civil precisa capacitar as pessoas com deficiência para interagir com as tecnologias da informação.

## 5 Considerações Finais

Pretendeu-se, com este artigo, comparar a composição de fotografias jornalísticas de viagem com seus respectivos textos alternativos (Alt) para verificar se a função e/ou conteúdo fotográficos podem ser transmitidos às pessoas com deficiência visual. Após a análise, concluiu-se que a função e conteúdo não são transmitidos aos receptores com deficiência visual. Viu-se que poucos sites oferecem fotografias acessíveis às pessoas com deficiência visual, e os que oferecem copiam a legenda da foto nos respectivos textos alternativos, perdendo todo potencial informativo e da experiência sensorial da imagem. As cores, a disposição dos objetos no quadro, o tamanho deles, os possíveis movimentos, as linhas e demais elementos composicionais passam despercebidos pelo internauta com deficiência

visual. Mesmo sendo componentes visuais, tais elementos podem ser traduzidos por palavras, já que são elaborações conotativas da imagem, conforme lembra Barthes (1977).

Abre-se aí uma oportunidade de novos estudos para compreender esse possível papel da fotografia na percepção de destinos por pessoas com deficiência, assim como seu acesso ao jornalismo digital de viagens. Também há espaço para investigar tecnologias e recursos que privilegiam outros sentidos, como a audição, por meio de paisagens sonoras, ou o tato, com figuras e paisagens representadas em relevo.

Outras contribuições para os textos alternativos podem vir da audiodescrição, modalidade de tradução intersemiótica que se estabelece como técnica e modalidade de Tradução Audiovisual Acessível (TAVA) (ARAÚJO; ALVES, 2017). Além disso, com estudos de recepção, alguns até já realizados, pode-se estabelecer quais elementos da composição fotográfica deveriam ser privilegiados quando da descrição voltada para pessoas com deficiência visual.

O uso de texto alternativo, porém, é apenas uma das várias diretrizes para uma web acessível. Muitos outros passos são necessários, como, por exemplo, a disposição do conteúdo a ser acessado apenas por teclado (caso das pessoas que não podem enxergar). São pontos que lentamente vão entrando no debate público, tanto no campo jurídico (como o inquérito civil do MPF), quanto no acadêmico, por meio de alguns pesquisadores citados aqui. O importante é ter em conta que a acessibilidade à internet está intrinsecamente ligada à inclusão social da pessoa com deficiência. Aos poucos e cada vez mais, este coletivo vem conquistando direitos e autonomia em diversas esferas sociais, como saúde, educação, trabalho e previdência. Agora, é o momento da luta pelo acesso pleno à comunicação e à informação e à inclusão nos diferentes espaços da produção midiática, como os digitais.



## Referências

- ARAÚJO, V. L. S.; ALVES, S. F. Tradução Audiovisual Acessível (TAVA): audiodescrição, janela de libras e legendagem para surdos e ensurdecidos. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v. 56, n. 2, p. 305-315, maio/ago, 2017. ISSN 2175-764X. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/SPwh3QMqcd8dwgvrFbJwkpN/?lang=pt>. Acesso em: 15 maio 2021.
- BARTHES, R. **Image, Music, Text**. Londres: Fontana Press, 1977.
- BARTHES, R. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BELENGUER JANÉ, M. **Periodismo de Viajes**. Análisis de una especialización periodística. Sevilla, ES: Comunicación Social, 2002.
- BONITO, M. **Processos da comunicação digital deficiente e invisível**: mediações, usos e apropriações dos conteúdos digitais pelas pessoas com deficiência visual no Brasil. 2015. 351 f. Tese (doutorado em Ciências da Comunicação) - Curso de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2015.
- BRASIL. Lei nº13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência**. Brasília, DF: Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 2015.
- ELLCESSOR, E. **Restricted Access**: Media, Disability, and the Politics of Participation. New York: New York University Press, 2016.
- ELLIS, K.; KENT, M. **Disability and New Media**. New York: Routledge, 2011.
- FERREIRA, L. FERREIRA, M. **Recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência visual em cadernos digitais de viagens e turismo**: uma análise das versões online dos jornais Folha de S. Paulo e d'O Estado de S. Paulo. São Paulo: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", 2018.
- STATISTA. GLOBAL digital population as of January 2021. **Statista**, 2021. Disponível em: <https://www.com/statistics/617136/digital-population-worldwide/#:~:text=How%20many%20>. Acesso em: 17 out. 2021.
- HANUSCH, F. The dimensions of travel journalism: exploring new fields for journalism research beyond the news. **Journalism Studies**, v. 11, n. 1, p. 68-82, jan. 2010. ISSN 1469-9699. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14616700903290569>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional de saúde 2013 - ciclos de vida**: Brasil e grandes regiões. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94522.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2021.
- JAMBEIRO, O. Acessibilidade, navegabilidade e conteúdos em portais e websites de governo eletrônico em capitais brasileiras. **Comunicação & Informação**, v. 9, n. 2, p. 200-213, jul. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/25250>. Acesso em: 20 fev. 2021.
- JAMBEIRO, O. Democracia, cidadania e tecnologias de comunicação e informação. *In*: NAPOLITANO, C. J.; SOARES, M. C.; VICENTE, M. M. (org.). **Comunicação e cidadania política**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017, p. 15-32.
- MAGALHÃES, G. M.; MACIEL, S. Uso do Facebook com Deficiência Visual: validação de parâmetros de acessibilidade em publicações. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISADORES DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL E DE RELAÇÕES PÚBLICAS, 14, 2020, online. **Anais [...]**. São Paulo: Abrapcorp, 2020. Disponível em: [https://abrapcorp2.org.br/site/manager/arq/\(cod2\\_23238\)TEMPLATECOMAUTORIA\\_EJP\\_2020.pdf](https://abrapcorp2.org.br/site/manager/arq/(cod2_23238)TEMPLATECOMAUTORIA_EJP_2020.pdf). Acesso em: 01 fev. 2021.
- MASCELLI, J. V. **Os cinco Cs da cinematografia**. São Paulo: Summus, 2010.



MELLO, F. V. S.; SILVEIRA, D. S. Os cegos conseguem 'enxergar' destinos turísticos na internet? Uma análise da acessibilidade dos websites oficiais dos estados brasileiros. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 2, n. 7, p. 281- 295, maio/ago. 2013. ISSN 1982-6125. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/586>. Acesso em: 15 ago. 2021.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Inquérito Civil nº 1.34.001.004599/2014-11. Notícia de falta de legenda (close caption), em diversos sites de emissoras, como UOL, TERRA, GLOBO, SBT, RECORD, BANDEIRANTES, ESTADÃO, IG.

MONTANHISTA elege pontos altos do Nepal. **Folha de S. Paulo**, São Paulo 22 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/turismo/2018/08/montanhista-elege-pontos-altos-do-nepal.shtml>. Acesso em: 19 jan. 2021.

PARRA VALCARCE, D. La accesibilidad web en los cybermedios del Grupo Planeta a ambos lados del Atlántico: los casos de La Razón y de El Tiempo. **Naveg@merica. Revista electrónica de la Asociación Española de Americanistas**, n. 4, 2010. ISSN 1989-211X. Disponível em: <https://revistas.um.es/navegamerica/article/view/99961>. Acesso em: 12 abr. 2021.

PRADO, J. L. A. Convocação nas revistas e construção do "a mais" nos dispositivos midiáticos. **MATRIZES**, ano 3, n. 2, p. 63-78, jan./jul. 2010. ISSN 1982-8160. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38259>. Acesso em: 20 fev. 2021.

SASSAKI, R. K. **Inclusão**: Construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1999.

SASSAKI, R. K. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, v. 7, mar./abr. 2009, p. 10-16. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/SASSAKI\\_-\\_Acessibilidade.pdf?1473203319](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/SASSAKI_-_Acessibilidade.pdf?1473203319). Acesso em: 20 jul. 2021.

SOARES, R. A. **Cultura da acessibilidade no ciberespaço**: experiências de pessoas com deficiência visual na web. 2014. 115 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SOUSA, J. B. Jornalismo e Acessibilidade: apontamentos sobre contratos de leitura para efeitos de reconhecimento de leitores especiais de Jornais Online. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIBERJORNALISMO, 5., Campo Grande, 2014. **Anais [...]**. Campo Grande: UFMS, 2014.

SOUSA, J. B. Cegueira, Acessibilidade e Inclusão: Apontamentos de uma Trajetória. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 38, n. 3, p. 564-571, jul./set. 2018. ISSN: 1982-3703. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S141498932018000300564&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S141498932018000300564&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 20 set. 2021.

TEJEDOR, S.; LARRONDO, A. Ciberperiodismo de viajes en la web 2.0: el caso de Tu Aventura. In: TURMO, F. S.; LASSA, J. J. V. (ed.). **Internet como sinónimo de convergencia mediática y tecnológica**. Zaragoza, ES: Asociación de la Prensa de Aragón, 2008. p. 130-144.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **UN Flagship Report on Disability and Development**: Realization of the sustainable development goals by, for and with persons with disability. 2018. Disponível em: <https://www.un.org/development/desa/disabilities/publication-disability-sdgs.html>. Acesso em: 8 fev. 2021.

WEB Content Accessibility Guidelines. **W3C**, 2014. Disponível em: <https://www.w3.org/Translations/WCAG20-pt-br/>. Acesso em: 26 jan. 2021.